

Entrevista à Tenente Coronel Christiane Wildt Cavalcanti Viana,

Por Loreley Garcia

A tenente coronel Christiane Wildt Cavalcanti Viana é a mulher a ocupar o mais alto posto na hierarquia da Polícia Militar da Paraíba. Aos 37 anos, natural de João Pessoa, é uma profissional de formação multidisciplinar, formada em Enfermagem, Psicologia com Especialização em Comportamento Humano e cursa o 3º ano da faculdade de Direito.

Em 2005 tornou-se a coordenadora da Assessoria Militar da Prefeitura de João Pessoa, até então era a chefe do Serviço Social da PM, um serviço que atende aos PMs e suas famílias. Como as funções dentro da PM são transitórias, já desempenhou várias outras funções e certamente será chamada a assumir outras diversas. Tem trânsito livre entre a oficialidade e os praças, chegou a comandar mais de 100 soldados.

Sua carreira na PM começou em Minas Gerais, onde ingressou no Centro de Formação de Oficiais em 1987. Aspirante a oficial em 1989, galgou os postos da hierarquia: 2º tenente, 1º tenente, capitã, major; a partir deste ponto só há promoção por mérito. Agora, como tenente coronel, só precisa ascender ao posto de coronel para atingir o topo da carreira na corporação. Este último degrau implica em uma nomeação direta pelo governador do Estado.

Sua carreira foi meteórica, percorreu em 15 anos, uma trajetória que normalmente leva cerca de 22 anos, isto se deve à competência associada ao mérito.

Existe na PM do estado cerca de 800 mulheres, elas atuam em todas as modalidades de policiamento, do atendimento hospitalar à guarda florestal. Só no Centro de Operações da PM trabalham 50 policiais femininas.

A tenente coronel Christiane desempenha sua função com desenvoltura, comanda a tropa com naturalidade e assertividade. Cruzando os corredores do quartel, ela é sempre saudada com continência pelos subordinados de ambos os sexos, ou quase todos no quartel.

Sua opção pela carreira veio de uma herança familiar, neta de um coronel da PM que ansiava transmitir a espada a um neto, mas foi a neta quem formou-se com essa espada.

Sua família teria sido o incentivo ao estudo, o estímulo à busca do conhecimento e busca de objetivos. As mulheres da família ocuparam profissões ousadas para a época, a avó comanda sozinha uma fazenda aos 85 anos.

Todos estes anos de experiência e comando, fazem com que veja a atividade policial como algo trabalhoso, uma tarefa que exige muito raciocínio, preparo físico, versatilidade, capacidade de julgamento e, sobretudo, assertividade. Gosta do que faz, seu trabalho é gratificante.

O trabalho policial exige que se tenha discernimento e equilíbrio pessoal, esse seria que um fator preponderante. Para desempenhar o papel de mantenedora da ordem e paz

publicas, solucionar conflitos é imprescindível que a/o policial tenha equilíbrio pessoal extremo, do contrario, vai falhar no cumprimento da tarefa.

Apesar de sua trajetória, a tenente coronel nunca teve contato ou envolvimento com o movimento ou grupos feministas locais, mas manifesta interesse em conhecer o trabalho dos grupos de mulheres.

Exercendo sua função policial já se deparou com preconceito e sexismo, que contornou com as mesmas armas que usa para o comando da tropa e da vida: assertividade e equilíbrio.

Na corporação sente-se querida e respeitada pelos colegas:

“somos companheiros, cúmplices”.

A instituição já teria absorvido a presença feminina, acostumou-se a ela, confiam na sua competência e caráter.

“ela é mais amiga, mais maleável, desde que se faça o certo”, declara um cabo de plantão.

Afirma que há uma diferença entre o chefe e o líder, liderar exige capacidade de interação, o segredo se resumiria a isto: saber interagir.

Isto vale para a relação com oficiais, comando da tropa e com a população. Narra um episódio ocorrido no pleito municipal em Teixeira, uma região de conflitos, onde esteve para garantir a ordem durante a eleição. A população recebeu-a com entusiasmo, admiração e manifestações de afeto, sobretudo dos idosos.

Além de ter uma profissão que exige dedicação exclusiva, não abdica de fazer o que gosta: praticar música, esporte, ioga e estudar os mais variados assuntos, da Física (como indica o livro que traz na bolsa) à criminalística.

Gostaria de analisar a presença feminina nas instituições policiais a partir do questionamento que faz Márcia Calazans: trouxe inovações, teve poder transformador na instituição e na política para segurança pública?

Segundo Calazans, a inserção das mulheres nas Polícias busca a criação de uma polícia de aproximação, ampliada e especializada. Elas fariam parte da reforma da instituição, um novo modelo de Polícia, mais evoluído, mais moderno, de acordo com as necessidades do Estado democrático e da sociedade complexa.

As mulheres policiais estariam afinadas com o “novo perfil” do policial, uma polícia comunitária, eliminando a velha concepção das forças repressivas que marcaram o período da ditadura militar. É uma polícia menos voltada para o uso da força porque é mais estratégica e inteligente.

“A presença de mulheres nas polícias ostensivas é a busca de transformações no ofício de polícia, pois as “novas” concepções de segurança pública mostravam-se orientadas para os cuidados, prevenções, de mudança de imagem junto à população, e mais

burocratizada, encontrando nas mulheres condições necessárias a essa implementação” (Calazans,n/d).

A autora reconhece que as mulheres, enquanto minorias simbólicas, penetrando num universo marcado pelo paradigma da masculinidade, *introduziram a lógica da diferença, uma vez que produziram desacomodação, desestabilização e desorganização interna nessas instituições*, obrigaram as instituições a se repensarem e se reestruturarem para poder acomoda-las.

O maior impacto da inserção feminina teria sido a introdução da lógica da diferença, proporcionando elementos para se pensar uma nova Polícia, a partir da ética da diferença nos currículos e na formação da cultura policial.

O fato de não haver ação afirmativa para atingir os postos do oficialato tem sido contornado por um percentual significativo de mulheres que são bem sucedidas nos concursos.

A presença feminina nas corporações tradicionalmente cerradas, é um ganho para a cidadania, pois além de garantir visibilidade às questões de gênero, dissolve preconceitos sobre a “natureza” feminina dócil, frágil e carente de proteção.

Márcia Esteves de Calazans: "Polícia e Gênero: Mulheres na Polícia Ostensiva".

www.themis.org.br